

[Não atormente o bardo; sua lira está quebrada
Sua última canção, cantada, sua última palavra, falada.]

Entre os mais estranhos diálogos, em uma série repleta de estranhezas, está aquele entre Victor Hugo e o desprezado Napoleão III, em pessoa. As perguntas de Hugo foram retóricas: "Que sentimentos você tem para comigo? — Ódio e respeito? — Diga-me o nome do homem que você considera como o mais — Olímpico [o próprio Hugo]? — Estou preso a você por correntes. — Tenho medo." Todavia, como o "espírito" de Luís Napoleão poderia manifestar-se numa ilha do Canal, quando o soberano francês estava supostamente vivo e bem, em Paris? A hipótese do grupo de Hugo foi a de que *Le Petit Napoleão* [O Pequeno Napoleão] estava dormindo, ao mesmo tempo que sua alma, presume-se que sem o seu conhecimento consciente, aparecera ou fora intimada a vir à sessão de Marine Terrace. Foi aqui que Hugo escreveu seu furioso livro *Les Châtiments* [Os castigos], as punições e acusações contra Luís Napoleão; sua frustração e sua raiva pessoal obviamente transbordaram e abriram caminho através da mesa, na forma de um diálogo.

De que modo essas sessões ininterruptas afetaram os participantes e qual o proveito que tiraram delas? O que, acima de tudo, o próprio Victor Hugo pensou deste oceano de palavras jorrando através de um móvel de madeira? Ele disse, no dia 22 de outubro de 1854, que "este registro, por certo, tornar-se-á a Bíblia do futuro, mas, sem dúvida, não será dado a público durante o tempo de vida de qualquer de nós, os interlocutores desses seres misteriosos".

Simon observou que Hugo sempre considerara o "conhecimento dos mistérios do desconhecido como a missão do poeta". E esse editor concluiu que as sessões de Jersey eram realizadas com "total boa fé dos participantes".

Maurois fez notar que os conceitos básicos sobre a imortalidade e sobre a existência dos espíritos já haviam sido expressos por Hugo, em escritos anteriores. As torturas emocionais, descritas em *Le Dernier Jour d'un Condamné* [O Último Dia de um Condenado] (Edição americana: *The Last Day of a Condemned Man*; Nova Iorque, 1896), refletem, de acordo com Maurois, as próprias experiências de Hugo; em sua cela solitária, um prisioneiro condenado à morte sente a presença

de todos aqueles, executados antes dele, que haviam habitado aquele cárcere: "Parecia como se o calabouço estivesse cheio de homens, homens estranhos, que carregavam suas cabeças na mão esquerda." Hugo chamou, a esta imagem dos prisioneiros guilhotinados, "um sonho, uma visão ou uma realidade".

Enquanto, no caso particular de Hugo, as sessões de Jersey eram contrabalançadas por sua tarefa diária de escrever e por sua natureza robusta, elas provocaram um perigoso choque em alguns dos outros participantes. A Sra. Hugo dava-se conta da tensa atmosfera de aterrador envolvimento com os espíritos dos mortos: ela relembrou que Eugène, irmão de Victor, sofrendo de delírios provocados pelos esmagadores sucessos profissionais sociais de Victor, teve que ser internado numa instituição para doentes mentais. As sessões terminaram no fim de dois anos, isto porque os participantes ficaram abalados com o impacto que elas causaram sobre um visitante, Jules Alix, que sofreu um colapso mental. Quando a família mudou-se para a ilha de Guernsey, perto do final do ano de 1855, as sessões não foram reencetadas. O próprio Hugo confessou um sentimento de "pânico", em relação às experiências. Embora Madame Hugo organizasse uma sessão em 1860, Victor não tornou a participar, pessoalmente, de nenhuma outra até 1873, dezoito anos depois das manifestações de Jersey.

É lógico que não se pode averiguar até que ponto esses eventos afetaram o equilíbrio emocional de Adèle, a filha de Hugo. Ela havia-se apaixonado loucamente pelo soldado inglês, Tenente Pinson. Quando ele foi transferido para o Canadá, ela o seguiu até sua guarnição em Halifax, Nova Escócia. Ignorando o fato de que Pinson era casado e pai, ela afirmou que ambos haviam contraído matrimônio. Manteve esta ilusão durante anos e quando o objeto do seu desesperado envolvimento erótico foi transferido para as Caraíbas, ela o seguiu até Barbados. Muitos anos mais tarde e irremediavelmente desnorteada, a tresloucada mulher foi trazida de volta para Paris, por uma dama de companhia. Hugo escreveu sobre ela, dizendo que estava "mais morta do que qualquer morto pode estar".

É possível chegar a conclusões sólidas sobre as sessões de Jersey? Não em detalhe; não neste volume, que lida com tantas outras personalidades. Maurois atribui o fenômeno a fatores de personalidade esquizóide. Mas este é um rótulo arcaico e impreciso, tanto no sentido clínico como literário.